

# A matriz paramilitar no Sistema Internacional

AGATHA LOPES



Os desafios da conjuntura global levam à reflexão de temas clássicos no âmbito das Relações Internacionais e da História. Em decorrência do surgimento de novos grupos paramilitares evoca-se o pensar a guerra e sua articulação, remetendo a debates teóricos acerca a nova guerra, ou, em outra perspectiva, a sublevação de grupos armados frente aos Estados. Compreender o fenômeno do paramilitarismo necessita delimitação da historicidade dessa forma organizacional, assim como rever a matriz da guerra e seus atores. Nessa breve introdução ao tema não serão propostos conceitos-chave; apresentar-se-ão, porém, distintos panoramas teóricos discorrendo da tipologia da guerra e organizações armadas.

Comumente se atrela o paramilitarismo à guerra, conquanto a percepção clássica aforisme “a continuação da política por outros meios”, ou seja, um fenômeno interestatal. Embora a célebre frase de Clausewitz não defina a guerra em sua totalidade, o surgimento de novos atores, senão os Estados, frente a tal definição restrita fomentou discussões sobre a “nova guerra”. A percepção clausewitziana calca-se momentaneamente no tempo de enunciação – época dos embates entre Estados Nacionais, o período Napoleônico, um confronto de forças arregimentadas. Pautando-se apenas em uma visão generalista do oficial prussiano e de sua mais celebrada

definição, correntes contemporâneas tipificam “gerações da guerra” a fim de melhor estudá-la. Advogando a tese das Gerações, autores como Thomas Hammes, William S. Lind, e Keith Nightengale propõem uma Quarta Geração das Guerras onde a assimetria e descentralização do monopólio estatal da força explicam eventos contemporâneos. Segundo tais autores, a insurgência paramilitar, a guerrilha, terrorismo e pluralidade de grupos rebeldes são características novas no Sistema Internacional cujas batalhas sempre se configuraram de forma hierárquica, estatal, com táticas e interesses políticos definidos. Embates de Quarta Geração partem da tríade moral-física-mental, onde grupos claramente paramilitares, em oposição aos Estados e suas forças oficiais, atuam pluralmente. Utiliza-se, portanto, tanto de táticas de atrito e coerção – como guerrilhas, frentes de combate dispersas, terrorismo – como a desmoralização, subversão, ameaças, terror psicológico. Há um modus-operandi comum nos conflitos pós-Guerra Fria, sejam eles incitados por grupos separatistas, ou religiosos, ou com quaisquer outras pretensões quebrando o status-quo.

Ao enumerar características da Quarta Geração, o elemento desorganização hierárquica e insurgência são privilegiados. Todavia, grupos como o antigo IRA (Irish Republican Army) possuíam alta organização, contando

inclusive com uma divisão político-partidária; em outra mão, as Guardas Municipais do Brasil Imperial serviam claramente ao Estado. Assinala-se, portanto, três inflexões: organizações paramilitares podem ter elevado grau de organização e pleitear, inclusive, objetivos altamente políticos; existiam antes do final da Guerra Fria; não necessariamente contrariam ao Estado. Arguindo a identidade de tais organismos a partir de breves exemplos, outra tipologia da guerra implode as bases dos teóricos de Quarta Geração. Sir Michael Howard ao dividir a História Europeia grupos belicosos (Guerra dos Cavaleiros; dos Mercenários; dos Mercantes; dos Profissionais; das Nações; das Tecnólogos) intrinsecamente alude a ideia de o monopólio da força não pertencer apenas ao Estado, assim como viabilizar a existência de grupos paramilitares. A exemplo, a Guerra dos Mercenários era travada entre grupos paramilitares que não se sublevavam e inclusive serviam aos governantes, ao contrário do comportamento esperado pelos teóricos anteriormente mencionados.

Por outra via, à luz de John Keegan, dada a guerra como fenômeno anterior ao Estado Nacional, grupos paramilitares já existiam justamente antes dele. Por sua vez, tais grupos não necessariamente faziam frente ao poder vigente, e poderiam, inclusive, servirem de frente armada. Interpretando seu debate sobre a guerra cultural à luz do paramilitarismo, tomemos dois exemplos citados pelo próprio autor: os mamelucos e os cossacos. Os mamelucos, escravos militares, acabaram tornando-se uma poderosa frente armada de diversos Estados Islâmicos da antiguidade, como a elite paramilitar do califado abássida. Já na Rússia, os naturalmente aguerridos cossacos integraram unidades paramilitares do Tzar.

Contraopondo ambas perspectivas é possível delinear de forma tênue o que sejam grupos paramilitares, mas não há como abarcar de forma sólida um conceito geral de paramilitarismo dadas suas multifaces temporal, histórica, cultural ou de filiação estatal ou não. Pró ou contra a ordem vigente, frente aos eventos atuais onde pululam organizações em busca de afirmação, é mister contemplar as Relações Internacionais sob um abrangendo tais atores, sejam rebento da nova guerra ou historicamente presentes no Sistema.

## Bibliografia

HAMMES, Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century*. Minneapolis: Zenith Press, 2006.

HOWARD, Sir Michael. *War in European History*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIND, S William; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F; SUTTON, Joseph W; WILSON, Gary. *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*. Marine Corps Gazette: 1989; 73, pg. 22

SCHUURMAN, Bart. Clausewitz e os Estudiosos da “Nova Guerra”. *Military Review* - Setembro-Outubro 2011.

VON CLAUSEWITZ, Carl. *Da Guerra*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.